

**CARMEN DA SILVA:  
A CONSOLIDAÇÃO DA IMPRENSA FEMININA  
NA REVISTA “CLAUDIA”**

*Guianezza M. de Góis Saraiva Meira (UFRN)*  
[guianezzasaraiva@bol.com.br](mailto:guianezzasaraiva@bol.com.br)

*Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)*  
[eliaspedrosa@uol.com.br](mailto:eliaspedrosa@uol.com.br)

### ***1. Introdução***

Este artigo tem por objetivo discutir as principais contribuições de Carmen da Silva na consolidação da imprensa feminina, em especial na revista *Claudia*, onde escreveu durante 22 anos a coluna “A arte de ser mulher”, que tratava de assuntos considerados tabus, como aborto, infidelidade e orgasmo. Nesta instância, torna-se relevante mencionar o surgimento da revista feminina, bem como as conquistas da mulher na luta pela igualdade de direitos, para posteriormente, tratar do legado de Carmen da Silva.

Assim, podemos dizer que este trabalho nasce de observações a respeito de práticas de leituras das mulheres na atualidade, do crescente aumento de títulos para o público feminino, cada vez mais segmentado, e das relações que se estabelecem entre o veículo e as leitoras. Além disso, foi questão básica para o início da pesquisa o modo como as revistas femininas ditam fórmulas de como ser mulher na contemporaneidade.

Vista da perspectiva histórica, a imprensa feminina no Brasil desempenhou um importante papel no sentido de situar a mulher socialmente, fornecendo referências de modernidade. A representação idealizada no feminino nas revistas e o discurso à valorização das aparências, em certa medida, estabeleceram modelos e parâmetros de conformidade estética a serem seguidos. Entende-se com isso, que a imagem feminina representada na revista *Claudia* serviu como um referencial a ser seguido.

Por assim dizer, as revistas femininas foram e continuam sendo alvo de estudo e críticas. Seja pela forma como tratam as tendências como se fossem fatos disseminados, seja pelo caráter tendencio-

so que é evidenciado no agenciamento de valores e no fomento a novas crenças ou, ainda, principalmente, pela sedução exacerbada ao consumo. As críticas não foram desconsideradas neste estudo, muito pelo contrário, elas contribuíram para o fortalecimento do senso crítico.

## 2. Surgimento da revista feminina

O fenômeno da revista feminina nasceu e cresceu na Europa. O primeiro registro de uma publicação voltada para mulheres foi em 1554, intitulada de *Il libro della bella donna*, de F. Luigi, que circulava em Veneza<sup>1</sup>.

A primeira publicação com circulação regular voltada para o público feminino surgiu na Inglaterra em 1693, chamada *Ladie's Mercury*. Naquela época, a revista já possuía uma característica que também é identificada na imprensa feminina contemporânea, o caráter “conselheiro”, que consistia o lado sentimental e o relato das desilusões amorosas. Na segunda metade do século seguinte, na Alemanha, Itália e Áustria já circulavam vários periódicos femininos que abordavam aspectos literários e previsões astrológicas. Em 1800, a moda se destacou e obteve publicações exclusivas. Outra grande novidade propiciou a explosão nas vendas em 1869, eram moldes de roupas de papel, que passou a fazer parte do conteúdo destas revistas. A partir daí, a revista feminina se tornou um fenômeno de ascensão rápida, conquistando seu espaço.

O que a princípio era considerada um luxo e de pouco acesso, logo se expandiu por toda Europa e Estados Unidos. Na França, as revistas surgiram após a Revolução; na Itália, junto com a luta pela independência do país. Na Alemanha, os periódicos traziam conteúdos políticos, onde os revolucionários clamavam pelos direitos das mulheres, defendendo causas como: proteção da mulher trabalhadora, direitos civis das mulheres, restabelecimento do divórcio, ação de investigação da paternidade, direito de exercer determinadas profissões e direito ao voto (*Id., Ib.*).

---

<sup>1</sup> [www.reposcom.portcom.intercom.org.br](http://www.reposcom.portcom.intercom.org.br). Acesso em 10. Jan. 2008.

Segundo Buitoni (1990), foi somente em 1827 que as revistas femininas chegaram ao Brasil, com uma publicação chamada *O Espelho Diamantino*. A moda e a literatura compunham as bases principais que sustentavam as publicações femininas brasileiras. *A Revista da Semana*, lançada em 1901 no Rio de Janeiro, inaugurou a novidade da utilização da fotografia. Lançada em 1914 por Virgínia de Souza Salles, a *Revista Feminina* foi a maior revista brasileira até então.

Nos dias atuais, a mulher dispõe de uma grande variedade de revistas femininas, como: *Claudia*, *Nova*, *Elle*, *Borde Fácil*, *Faça e Venda*, *Boa Forma*, *Viva Mais*, *Capricho*, *TPM*, *Manequim*, *Tititi*, *Contigo*, *Ana Maria*, *Estilo*, *Atrevida*, *Carícia*, *Chiques e Famosos*, *Caras*, *Corpo a Corpo*, *Toda Teen*, *Marie Clair*, *Criativa*, *Agulha de Ouro*, *Uma*, *Única*, *Gloss*, dentre outras. Atualmente, essas publicações detêm a posição de segundo lugar no ranking de revistas, ficando atrás somente das tiragens de revistas de informações semanais, segundo a editora Abril.

A revista é uma mídia onde as leitoras a enxergam como uma amiga íntima e particular, a quem demonstra segurança, confiança e simpatia. É uma companheira em todas as horas ou em qualquer lugar. Com ela pode se estabelecer uma relação de companheirismo, que muitas vezes vira objeto de coleção e motivo de orgulho ao exibi-la. A revista tem um formato idealizado para que ela possa estar junto à leitora atuando no ideário e imaginário, sendo capaz de manipular através de seus comentários a formação dos modos de ver e de ser de quem a lê.

A mídia exerce uma forte influência nos consumidores, seja no consumo de produtos, seja na construção do comportamento. As revistas femininas estimulam o imaginário, “induzem” a mulher leitora, que cada vez mais busca a independência financeira e emocional. Anseiam o reconhecimento e a valorização das suas virtudes e lutam pela igualdade de direitos diante da sociedade. . “Ela pode ser vista como um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento”, segundo Scalzo (2004, p. 12).

Lembramos ainda que a revista feminina, entendida como um “evento comunicativo” (FAIRCLOUGH, 1995)<sup>2</sup> é uma prática representativa de outras práticas sociais. Em função disso, está sujeita às pressões econômicas, políticas e culturais e, portanto, tem caráter ideológico.

Funcionando como um veículo ideológico de construção de conhecimento, a revista feminina marca sua presença na arena de lutas pela imposição de significados aos diferentes grupos sociais. Inferimos que ela pode ser considerada um artefato cultural que trabalha a produção, a distribuição e o consumo dos seus “textos”, na tentativa de impor uma regularidade de conduta de um determinado grupo social – o das mulheres.

### **3. *Elas realmente não fogem à luta***

A luta pela igualdade de direitos não é um fato recente na historicidade feminina. Desde 1940, as mulheres iniciaram o chamado *Movimento Feminista*, que tinha a função de denunciar as desigualdades de gênero.

Na busca por essa igualdade, as mulheres conseguiram avanços significativos, dentre eles o direito ao voto, permitido em 1927<sup>3</sup>. A luta pelo voto feminino foi o primeiro passo a ser alcançado no horizonte feminista. Outra conquista de extrema importância foi o acesso à pílula anticoncepcional, propiciando o ingresso da mulher ao mercado de trabalho. Paralelo a esse acontecimento, no fim do século XIX, as mulheres começaram a ocupar os bancos das universidades.

Todas essas transformações sociais ocorreram paralelamente ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, que refletem o universo feminino e, ao mesmo tempo, influenciam as mulheres. O que antes se limitava a “romances açucarados”, à culinária e

---

<sup>2</sup> De acordo com Fairclough (1995), toda e qualquer instituição produtora de “textos” (escritos ou falados, sons ou imagens) voltada para a comunicação de massa, é considerada um evento comunicativo.

<sup>3</sup> Disponível em: <[www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br)>. Acesso em: 01. jun. 2010.

às questões relacionadas aos filhos, com o decorrer do tempo, transformaram-se em interesses voltados à beleza, à moda, ao comportamento e ao sexo. As revistas femininas em especial, têm papel decisivo nessa integração entre os desejos e as necessidades das mulheres. Heller (1995, p. 519) relata essa evolução feita pelas mulheres na citação abaixo:

Às vezes mais sutis, outras vezes mais diretos e sem tantos disfarces, revelaram a preocupação em torno da leitura para a mulher: perigosa, se os romances fossem de “má qualidade” ou inspiradores de idéias avançadas; difícil e cansativa, se as obras tivessem um conteúdo considerado mais complexo, mas necessária para que as mulheres pudessem educar seus filhos de forma conveniente. (...) Como ser mulher significava ser mãe e conseqüentemente estar familiarizada com o universo infantil, a autoria bem-sucedida de livros escolares infantis era interpretada como uma decorrência natural ao sexo feminino. Os mesmos motivos desqualificavam-na como leitora. Confinada e distante do mundo do trabalho remunerado e de seus problemas, a mulher vivia num universo muito reduzido, do qual a leitura fazia parte, mas em pequenas porções. Folhetins, revistas e alguns romances eram tudo do que dispunham para ler. Por isso, ao lerem obras consideradas de maior complexidade, muitos autores imaginavam que elas teriam dúvidas, facilmente resolvíveis por seus maridos.

Atualmente, mesmo que a mulher não esteja desempenhando apenas o papel de esposa, mãe e dona de casa, algumas publicações dirigidas ao público feminino acabam mantendo esse perfil. Até o século XIX, a leitura era concebida como um perigo até mesmo físico, perigo esse que era ainda mais eminente para as mulheres que poderiam ser manipuladas pelos romances, deixando-se levar por tais histórias, tornando-se negligentes com suas tarefas e obrigações. As palavras de Abreu (2001, p. 51) sustentam tais idéias sobre os romances e as mulheres nesse período:

Eles foram vistos, até o século XIX, como um forte perigo para a moral, especialmente a das mulheres e moças. Supunha-se que a leitura de romances levava ao contato com cenas reprováveis, estimulando a significação com personagens envolvidos em situações pecaminosas como as mentiras, as paixões ilícitas e os crimes. (...) Também perigoso era o impulso de imaginar-se no lugar dos personagens envolvidos em situações criminosas: supor-se no lugar de uma adúltera era tão grave quanto praticar o adultério.

Com a inclusão da mulher no mercado de trabalho e a invenção dos métodos contraceptivos, a mulher passou a ter “livre arbí-

trio”, inclusive na leitura. Essas evoluções no quadro comportamental das mulheres devem-se em parte ao feminismo. A partir de 1940, os movimentos feministas passaram a se expressar mais intensamente no mundo. Hoje, além de denunciar as desigualdades sociais, políticas e trabalhistas entre homens e mulheres, as organizações feministas passaram também a questionar as raízes dessas desigualdades.

Diferentemente daquela visão machista, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, as mulheres conquistam seu espaço, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno. Como observa o crítico cultural Mercer (1990, p. 43) “A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, como algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. A esse respeito Hall (2006) discute que esse processo de transformação se torna tão fundamental que, chegamos a nos perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada.

Segundo van Dijk (2008), as diferenças de poder entre as mulheres e os homens e suas manifestações na linguagem foram objetos de vários estudos, principalmente durante a última década, e especialmente por meio de pesquisadoras feministas, onde se pode encontrar uma extensa bibliografia sobre o assunto.

#### **4. *História e memória de Carmen da Silva***

*Claudia*, a revista que a Abril lançou em 1961 com o nome que Victor e Sylvana Civita queriam dar a uma filha, focalizava a mulher no território da casa. O mundo doméstico ganhara um brilho novo no momento em que chegavam ao mercado geladeiras, televisores, sabões que lavavam mais branco e chocolates solúveis. O Brasil vivia em épocas de crescente expansão do capitalismo, submetendo todas as atividades – inclusive a imprensa – à lógica da modernização do país<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.abril.com.br/institucional/50anos/femininas.html>>. Acesso em: 01. jun.2010.

O consumo desses produtos correspondia ao ideal da “vida moderna” e estavam à disposição da classe média. A conquista desta fatia de mercado norteou a produção da revista antes de sua chegada às bancas, conforme as palavras presentes no editorial do projeto de *Claudia*, enviado aos anunciantes pouco tempo antes do seu lançamento:

Por que *Claudia*? O Brasil está mudando rapidamente. A explosiva evolução da classe média torna necessária uma revista para orientar, informar e apoiar o crescente número de donas de casa que querem (e devem) adaptar-se ao ritmo da vida moderna. *Claudia* será dirigida a essas mulheres e dedicada a encontrar soluções para seus novos problemas. *Claudia* não esquecerá, porém, que a mulher tem mais interesse em polidores do que em política, mais em cozinha do que em contrabando, mais em seu próprio mundo do que em outros planetas... *Claudia*, enfim, entenderá que o eixo do universo da mulher é o seu lar<sup>5</sup>.

Em geral, as matérias e artigos que iriam ser publicados em *Claudia*, reafirmavam os papéis tradicionais destinados às mulheres, enfatizando a responsabilidade destas com seus lares, filhos e marido, apesar de um número crescente de mulheres trabalharem fora.

Em 1963, uma carta enviada à redação por uma obscura psicóloga de Niterói chamada Carmen da Silva dava uma notícia inquietante sobre as jovens donas-de-casa: elas estavam explodindo de angústia e frustração. Carmen queria falar sobre isso e lançou a seção “A Arte de Ser Mulher”, que tornou *Claudia* um dos espaços mais arejados do feminismo, ou seja, a revista inaugurou um novo formato ao colocar uma mulher falando para as mulheres, ao contrário do que era realizado até então. A jornalista foi considerada uma das intelectuais feministas mais influentes no período em que atuou na revista *Claudia*. O alcance do discurso talvez não fosse o mesmo sem Carmen em *Claudia*.

Segundo Ana Rita Duarte (2005), a seção “A arte de ser mulher” fez parte da revista *Claudia* de 1963 a 1985, simbolizando o pioneirismo nacional no que diz respeito à publicação feminista. Embora a revista *Claudia* fosse nessa época uma revista em que as representações sobre o gênero feminino permaneciam calcadas num

---

<sup>5</sup> Citado por Ana Rita Fontelles Duarte. Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira, 2005.

ideário tradicional, Carmen da Silva tornou-se precursora nas discussões sobre a questão da mulher ao desenvolver um trabalho de crítica e divulgação do movimento feminista brasileiro e suas principais bandeiras de luta.

As leitoras da revista *Claudia* enviavam cartas com questões pessoais para Carmen responder no caderno especial denominado “Claudia responde”. Com um estilo próprio, o texto de Carmen lembrava uma conversa, tanto pela forma como escrevia como pelas expressões utilizadas, caracterizando oralidade.

Não é necessário muita perspicácia para perceber sintomas de insatisfação nas mulheres de hoje. Casadas e solteiras, ociosas e trabalhadoras, estudantes e profissionais, artistas e dona de casa, todas elas em algum momento deixam transparecer resquícios de frustração, um desejo ora nostálgico, ora invejoso, de outra existência diferente, outro caminho distinto ao que escolheram – como se a felicidade estivesse lá. (apud CIVITA, 1994, p.17).

Este trecho foi extraído do primeiro artigo escrito por Carmen da Silva, em setembro de 1963, veiculado na revista *Claudia*, onde expressa com clareza a insatisfação das mulheres com a função que desempenhavam, seja ela qual fosse. Diante disso, Carmen tinha um único propósito - ajudar as leitoras a solucionarem seu problema - e neste intuito, finaliza este artigo com as seguintes palavras:

Segura de seus desejos, de suas opções; disposta a construir sua felicidade em vez de esperá-la dos demais ou do acaso [...] você deixará de ser um brinquedo do destino, atemorizado e insatisfeito. Com o leme na mão, esquivando escolhos e tempestades, sentirá que o destino é seu copiloto e não um monstro ameaçador. Você será um ser humano completo num mundo que foi feito para que nele os seres humanos vivam, amem, atuem, riem – se realizem, enfim. (Apud CIVITA, 1994, p. 23).

A cada edição Carmen abordava um assunto diferente, que instigava cada vez mais o público feminino. Temáticas como casamento, infidelidade, divórcio, aborto, maternidade, orgasmo, dentre tantas outras, causavam cada vez mais espanto na mulher leitora. Um espanto carregado de dúvidas, que somente Carmen podia saciar. Ler Carmen da Silva era, para algumas mulheres, um símbolo de modernidade, sinal de que estavam sintonizadas com as discussões de seu tempo.



Ana Rita (2005), afirma ainda que, em seu trabalho em *Claudia*, Carmen observou de perto a realidade e constatou o comportamento passivo das mulheres brasileiras de classe média que lhe escreviam. Em média, estavam situadas na faixa dos 18 aos 24 anos, e eram casadas ou desejavam estar casadas, muitas vezes, “aceitando, com masoquismo, uniões claramente destinadas ao fracasso total”.

Porém, as respostas de Carmen às suas leitoras nem sempre eram publicadas traduzindo fielmente o que ela havia escrito. A escritora feminista e amiga de Carmen, Raquel Gutiérrez, contou em entrevista concedida a Ana Rita que a revista costumava “pasteurizar” ou mesmo “deturpar” os artigos:

Encontrei inúmeros bilhetes da Carmen depois que ela morreu para a Revista Claudia dizendo: “Não me reconheço nos artigos que vocês publicaram. Não era bem isso que eu tinha dito. Vocês transformaram, vocês modificaram (*Apud* DUARTE, 2005, p. 47).

Ana Rita Duarte (2005) acrescenta que, é mais plausível acreditar que esse tipo de interferência no trabalho de Carmen, tenha se dado mais em razão do impacto do que a crítica feminista trazia à sociedade brasileira, nos campos da política, cultura e comportamento, naquele momento, do que por conta de vigilância cerrada da censura do Regime Militar.

As obras de Carmen da Silva deixam para os estudiosos do feminismo uma excelente maneira de comprovar a evolução da mulher na sociedade e ao mesmo tempo, resgatar sua memória. Com títulos provocantes, como “Histórias híbridas de uma senhora de respeito”, “O homem e a mulher no mundo moderno” e “Sangue sem dono”, Carmen da Silva, propicia aos seus leitores um conjunto de fatos históricos, carregados de sabedoria, inspiração e acima de tudo uma missão: mostrar as mulheres oprimidas que seu lugar na sociedade não se restringe apenas aos afazeres domésticos, à educação dos filhos e à obediência ao marido e sim, buscar cada vez mais o espaço galgado há tantos anos, baseado na igualdade de direitos.

## 5. *Um breve estudo das cartas do leitor*

Partindo do pressuposto que as contribuições de Carmen da Silva na consolidação da imprensa feminina, somente foram possí-

***Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 2, t. 2***

veis graças às inúmeras cartas de leitoras que a revista recebia mensalmente, iremos discorrer como as cartas do leitor, se configuram, até hoje, como um importante artefato na história da revista *Claudia*, e conseqüentemente, na história da imprensa feminina.

Definida como um gênero textual, as cartas do leitor, cujos espaços são destinados aos leitores para que possam expressar seus pareceres pessoais, favoráveis ou não, sobre matérias publicadas, são endereçadas aos editores, que após efetuarem uma seleção prévia e editoração, publicam-nas.

Todavia, este breve conceito atribuído às cartas do leitor, remete às publicações da revista *Claudia* na contemporaneidade. Nas primeiras edições, as cartas do leitor tinham um caráter distinto do atual, pois as leitoras escreviam sobre suas angústias e esperavam que Carmen as solucionassem, através de seus aconselhamentos.

A leitora da revista *Claudia* escrevia à Carmen da Silva com a finalidade de esclarecer dúvidas relativas ao seu casamento, à educação dos seus filhos e aos cuidados com o corpo. As leitoras da atualidade continuam escrevendo para a edição da revista e comentando sobre as mesmas temáticas, mas com uma grande diferença – não há preconceito ou censura em suas palavras-, pois as mulheres estão livres para se expressarem, sobre a temática que desejarem.

Para que haja compreensão, no que se refere à evolução da imprensa feminina, mostraremos o posicionamento de Carmen, ao responder a uma leitora e em seguida, uma carta do leitor, publicada na revista *Claudia*, no ano de 2008, onde está em pauta a mesma temática:

A mesma cegueira (preconceito) que me levou a negligenciar o tema da amamentação faz com que muitas feministas vejam com suspeita a questão do aleitamento materno. O grande receio é que isso signifique mandar a mulher de volta a sua antiga posição: confinada no lar, circunscrita no papel tradicional de esposa e mãe, renunciando a todos os espaços de atuação que ela vem conquistando na sociedade. E por que seria obrigatório escolher uma coisa ou outra, como se os dois aspectos não fossem complementares? Por que deveria a mulher abrir mão da sua especificidade feminina para poder realizar-se no trabalho, no universo do pensamento e da cultura, na participação do mundo? (*Apud* CIVITA, 1994, p. 208).

Fiquei chocada com a opinião da jornalista Míriam Leitão, na matéria “Licença-Maternidade de 6 meses. Essa é uma lei boa para a mulher?”. Não acredito que as trabalhadoras sejam preteridas nas empresas por causa dessa nova lei nem acho que homens e mulheres sejam iguais. Não se trata de machismo. Claro que ambos merecem as mesmas chances, mas a mulher tem um papel fundamental: o de amamentar seu filho. Devemos lutar pela proteção à vida, coisa que anda esquecida hoje, quando só se ouve falar em sucesso na carreira. Aline M. de Almeida Lucas. (Edição de novembro de 2008).

A resposta de Carmen da Silva à leitora nos faz enxergar que ao conquistar um espaço no mercado de trabalho, depois de todas as repressões advindas de uma sociedade conservadora, machista e patriarcal, a mulher passa a ter receio de amamentar seus filhos, pois exerceriam somente o papel de mãe e esposa, renunciando o trabalho fora de casa. Em contra partida, a carta da leitora, veiculada na revista *Claudia*, na edição de novembro de 2008, repassa-nos a convicção que amamentar é fundamental e que as mães devem preocupar-se com o desenvolvimento dos filhos, amamentando-os durante seis meses, conforme recomendações médicas. Pensar somente na carreira pode parecer uma atitude egoísta, posto que, a licença maternidade é uma segurança que a mãe-trabalhadora deve ter.

## 6. *Considerações finais*

Propor a investigação da consolidação da imprensa feminina, a partir das contribuições de Carmen da Silva à revista *Claudia*, é uma forma de analisar o modo como as mulheres são construídas pela mídia e também o modo como se constroem por meio dela. As revistas femininas carregam e configuram visões do que é ser mulher: como se comportar, como se vestir, como agir em relação aos homens – na maioria das vezes seu companheiro –, cuidar de seus filhos, preocupando-se sempre com uma educação adequada e ainda cuidar de si mesma.

Dessa forma, entendemos que as revistas femininas têm como objetivo fundamental provocar algumas reflexões sobre a representação da mulher brasileira, solidificando conceitos e estereótipos que buscam enraizar padrões estéticos e comportamentais idealizados no público feminino. Elas atuam como um marco significativo da histó-

ria contemporânea, que documenta tanto a evolução da imprensa na modernidade, quanto da história social da mulher.

Os resultados preliminares deste trabalho indicam que, o legado de Carmen da Silva foi imprescindível para o desenvolvimento da imprensa feminina e pela busca incessante das mulheres no tocante a igualdade de direitos. A forma como se expressava em seus textos propiciavam às leitoras um momento de reflexão, conduzindo-as a tomar as atitudes cabíveis a cada situação, sem deixarem de exercer as funções “atribuídas” ao sexo feminino: ser mãe, esposa e dona de casa.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia. *Diferentes formas de ler*. Campo Grande, 2001.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990.
- CIVITA, L. T. (org.) *O melhor de Carmen da Silva*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- DIJK, Teun A. Van. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.
- DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira*. Fortaleza: Expressão, 2005.
- FAIRCLOUGH, N. *Media discourse*. London: Edward Arnold, 1995.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HELLER, Bárbara. *Tuteladas ou letradas? Imagens de mulheres em textos escolares e literários de 1800 a 1930*. Natal: UFRN; Editora Universitária, 1995.
- MERCER, Kobena. *Marginalization and contempory cultures*. Ney York: Cambridge, 1990.
- SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. 2. ed. São Paulo. Contexto, 2004.

[www.claudia.abril.com.br](http://www.claudia.abril.com.br)

[www.abril.com.br/institucional/50anos/femininas.html](http://www.abril.com.br/institucional/50anos/femininas.html)

[www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br)

[www.reposcom.portcom.intercom.org.br](http://www.reposcom.portcom.intercom.org.br)